

## BAR DE METANOPOLI

Interior. Entardecer.

Um bar rutilante da zona de Metanopoli: o néon resplandece nas superfícies, nos metais. Vê-se o exterior através das vidraças: um panorama cruel de fieiras de luzes e edifícios envidraçados, que se assemelham a globos de fulgor.

Um rapaz aproxima-se do telefone, numa parede violentamente esmaltada, abstracta.

É o Rospo<sup>1</sup>. Um rapaz louro, de cabelo curtíssimo numa cara quadrada e inteligente: apenas umas farripas sobre a testa. Tem o cigarro «colado» entre os lábios. Não é o que se chama uma viga, mas é maciço, robusto e ágil, na sua calma narcisista.

Marca um número no telefone: a câmara enquadra-lhe em grande plano a cara, que surge assim em toda a sua evidência.

---

<sup>1</sup> A alcunha Rospo significa «sapo». (N.T.)

ROSPO Está? És tu, Gimkana<sup>2</sup>?... Por aqui, está-se na maior, esta tarde!

A sua cara exprime satisfação contida, determinação perversa.

CASA DO GIMKANA  
Interior. Entardecer.

A câmara enquadra em grande plano Pucci, de alcunha «o Gimkana», com o auscultador na mão junto de um humilde móvel familiar.

Tem um rosto pálido, taciturno, com cicatrizes e olheiras: o aspecto é quase o de um bom rapaz, reservado, educado, mas há nele também algo de terrível, que leva a pensar que seja capaz de tudo.

GIMKANA (*captando rapidamente o sentido das palavras do Rospo*) Os velhos foram-se embora, hã? Pois então vamos já buscar as garinas e seguimos logo para tua casa.

BAR DE METANOPOLI  
Interior. Entardecer.

Uma sombra quase de mau humor e de raiva instala-se nos olhos do Rospo, que, contudo, sem perder a calma, numa atitude de «chefe», replica:

---

<sup>2</sup> Trata-se de outra alcunha: em português, «gincana». (N.T.)

ROspo Não, não, quais garinas, qual quê! Para essas há sempre tempo. Antes vamos lá armar confusão. Vá, anda daí, depressa!

CASA DO GIMKANA  
Interior. Entardecer.

O Gimkana faz um esgar de mofa rápido, mas não se desmancha; responde com voz rouca, depressa:

GIMKANA Vou buscar a guita e sigo já para aí!

BAR DE METANOPOLI  
Interior. Entardecer.

O Rospo desliga e disca rapidamente outro número: a pessoa a quem telefona demora a atender, e o Rospo aguarda impaciente, ora aliviando a pressão no cigarro preso entre os lábios, ora voltando a apertá-lo.

CASA DO CONTESSA  
Interior. Entardecer.

O telefone toca em cima de uma secretária com livros e papéis espalhados a trouxe-mouxe.

A câmara enquadra, sempre em grande plano, o Contessa<sup>3</sup>, que acaba de atender.

---

<sup>3</sup> Nova alcunha: Contessa, «condessa». (NT.)

Alto, corpulento e ao mesmo tempo feminino, inclusive na cara de cariátide gótica, com cicatrizes, o Contessa tem um ar inefável, brusco, quase odioso. No fundo, também ele é um bom rapaz convencional, regrado e conformista até em excesso. Que também possa ser um «meliante» é, por um lado, impossível e, por outro, perfeitamente explicável, com aquela sua cara selvagem.

CONTESSA (*depois de ouvir o convite do Rospo*) Eu, a bem dizer, tenho cá em casa os velhos dos velhos: vieram passar a quadra em família. Como é que vou fazer para me livrar deles?

BAR DE METANOPOLI  
Interior. Entardecer.

O Rospo está prestes a enfurecer-se.

ROSPO Qual é a tua? Trata de dar graxa à tua mãe e aos velhos todos, e pira-te! Estás à espera de quê, estafermo?

Sem sequer ouvir a resposta do Contessa, pousa com raiva o auscultador e marca outro número logo em seguida.

BARZITO DA PERIFERIA  
Interior. Entardecer.

Entre uma *jukebox* silenciosa e uma mesa de matraquilhos sem ninguém, preso à parede suja de um barzito, o telefone toca.

Quem atende, sempre enquadrado em grande plano, é Gianni, conhecido como «o Teppa»<sup>4</sup>: está fardado à *teddy*, como se nota pela gola levantada do blusão de couro preto, o cachecol garrido e sujo que lhe envolve o pescoço, o boné com viseira, de *jockey*, enterrado até aos olhos. É um belo rapaz, moreno, robustíssimo, uma espécie de gigante jovem e harmonioso. A cara é de patife, mas também ela fundamentalmente boa e generosa, como é a cara dos fortes.

TEPPA Já era mais que tempo de os teus pais se porem a milhas: há um mês que o andas a prometer. Mas diz lá, mandaste-os à vida? Olha, o Toni está aqui e manda-te ir dar uma volta!

Com um sorriso tranquilo, passa o telefone ao compincha, que está ali, logo enquadrado, também ele, por um grande plano. É Toni, de alcunha «o Elvis», em homenagem a Elvis Presley — é o companheiro inseparável do Teppa, forte e alto como ele, trajando como ele, só que, em vez do boné, usa uma poupa espectacular, emergindo um bom palmo acima da testa, de cabelo escuríssimo. Tem uma cara doce, mas marcada, de bom rapaz, tímido, que, se pratica actos violentos, é tão-só por uma espécie de desespero.

TONI Oi, vê lá o que fazes! Não te ponhas a fazer merda logo esta noite, que é fim de ano! (*Fica um pouco à escuta*) Já te conhecemos de ginjeira, pá!

---

<sup>4</sup> A palavra *teppa* significa «meliante, patife, delinquente». (N.T.)

BAR DE METANOPOLI  
Interior. Entardecer.

O Rospo tem novo assomo de raiva.

ROSPO Vai-te lixar!

Desliga e marca um último número.

ESCRITÓRIO DE MOSÈ  
Interior. Entardecer.

Desta vez o telefone está em cima de uma mesa de trabalho, com objectos vários.

Grande plano de Mosè ao telefone. É louro com sinais de uma psicologia patológica na cara: dir-se-ia tratar-se de um sífilítico congénito. Queixo saliente, boca retorcida, num esgar cruel e grosseiro. Mas também nele há uma certa ousadia simpática, vigorosa.

MOSÈ És tu, Rospo...? (*Ouve o telefonema, anuindo, expressão dura*) Hum... hum... hum... Boa!

Sempre com o mesmo semblante duro, sem mudar de expressão, pausa o auscultador.

*Fade out.*